

CULTURA CORPORAL E AUTISMO: REFLEXÕES E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

João Paulo Viana Da Costa ¹

INTRODUÇÃO

A Cultura Corporal e o Autismo: Reflexões e propostas de intervenção visa modificar a relação desses alunos autistas com relação aos outros no desenvolvimento nos aspectos psicomotores. Com isso surge o questionamento: Como as práticas corporais influenciam os alunos autistas nas aulas práticas e teóricas de Educação Física no contexto escolar? Sobre este questionamento começamos a investigar as contribuições da educação física usando a cultura corporal do movimento para a formação e desenvolvimento do aluno na visão integral do ser, tendo como proposta realizar um levantamento e análise das formas de atuação das práticas corporais na teórica e prática na escola e a criação e manutenção de diversas atividades para o desenvolvimento desses alunos. Com o objetivo de compreender o papel da Educação física com um dos seus componentes que é a cultura corporal do movimento e as possibilidades de intervenção nesses alunos

PARA DAOLIO (2004) faz algumas colocações sobre o termo cultura relacionado à educação física, com base na análise de abordagens pedagógicas de alguns autores contemporâneos, evidenciando que em todo o fazer pedagógico há um conceito implícito ou explícito, de cultura. “É possível perceber a utilização da expressão “cultura” acompanhada de termos como “física”, “corporal”, “de movimento”, “corporal de movimento”, e outros. Entretanto, essa utilização aparece de forma superficial, por vezes incompleta ou de forma reducionista” (Daolio, 2004, p.13)..

Com os seguintes objetivos favorecer o combate a introspecção e o descontrole emocional dos alunos autistas analisar a vivência da Educação Física no contato com os alunos autistas no processo da construção da autonomia dos mesmos, fator enfático na aprendizagem cognitiva e motriz. Observar os benefícios obtidos através da relação existente entre a Educação Física e a Inclusão Escolar nesses alunos autistas no processo de ensino-aprendizagem com uma avaliação feitas nas turmas que esses alunos se encontram visando observar a evolução de cada aluno autista observado tanto pelo professor e pelo aluno

De acordo com Tomé (2007), a implantação da educação física no ensino dos autistas,

¹ Graduado do Curso de Educação Física da Universidade de Fortaleza - CE, viana.costa@ig.com.br

favorece o desenvolvimento de habilidades sociais e possibilita uma melhora na qualidade de vida desses sujeitos. No entanto, para uma atividade eficaz na aprendizagem do autista é necessário conhecer cada aluno de maneira individual, sabendo dos seus interesses, de suas habilidades motoras e de suas capacidades comunicativas. Como para qualquer outro indivíduo, a atividade física pode proporcionar ao autista uma melhora significativa de sua vida, através de substâncias liberadas no decorrer da execução das atividades. Por isso, deve-se realizar um acompanhamento de acordo com o desenvolvimento do aluno para melhor elaborar atividades ou métodos de ensino-aprendizagem com o intuito de manter, na medida do possível, a evolução do aluno.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Para a presente pesquisa utilizamos uma abordagem de estudo de caso que consiste na análise específica de 4 alunos, primeiramente em sala de aula com dada a interação do mesmo no meio educacional fazendo um paralelo com o desenvolvimento que estes apresentam nas aulas de Educação Física. Sendo essa análise cognitiva, interacional e psicomotora desses alunos durante as aulas com a observação e depoimentos dos outros alunos em relação a evolução dos alunos com autismo Será feita uma pesquisa junto ao AEE (atendimento educacional especializado) sobre a quantidade de alunos com autismo nas series do fundamental II , depois uma pesquisa sobre o tipo de autismo que cada aluno apresenta , como seria interessante a abordagem as atividades teóricas e práticas para serem aplicadas com cada aluno observado e suas especificações e reações a essa atividade Esta etapa compreende uma observação dos alunos com autismo como amostragem levando em consideração os aspectos psicomotores, interacionais e cognitivos Nesta etapa será realizada uma análise dos alunos envolvido e como é o seu desenvolvimento nas situações em sala de aula no contexto teórico e prático que envolvem a cultura corporal do movimento na Educação Física, seguindo alguns aspecto : as relações sociais e afetivas (interacional), a assimilação cognitiva (atividades direcionadas a cada aluno com autismo) e psicomotora (aspectos no desenvolvimento motor: lateralidade , coordenação motor entre outros aspectos analisados) na disciplina de Educação Física e suas Aprendizagens . Fazendo assim, uma mensuração do antes, durante e depois da participação destes alunos no contexto das práticas corporais e pedagógicas no contexto das aulas e das observações dos alunos que participaram das aulas junto dos alunos com autismo

DESENVOLVIMENTO

Educação Física Escolar no contexto da inclusão de pessoas com Deficiência

A Educação física é obrigatória em todos os níveis de ensino desde o início do século XX. A reorganização de uma cultura exclusiva irá contribuir muito na qualidade de vida destas pessoas, tendo em vista que atualmente, reconhece-se que todas as pessoas, com limitações ou deficiência, devem ter acesso as práticas corporais, pois todos podem se beneficiar do exercício físico. (DARIDO, 2007)

Para Seabra; Silva; Almeida (2008, p. 15) destacam que:

Inclusão é uma palavra dos tempos modernos que, cada vez mais, vem ganhando forma e espaço em diferentes setores da sociedade, mostrando-se um caminho sem volta nas relações sociais. Nasce dentro de um ideal neoliberalista, refletindo-se também na organização das políticas públicas, inclusive a educacional, o que de certa forma, interfere na forma e oferta de serviços de ensino (SEABRA; SILVA; ALMEIDA, 2008, p. 151).

Desta forma, instituições de Nível básico de ensino devem gerar oportunidades nas atividades desenvolvidas em salas de aula, disponibilizando para os alunos momentos de grande valor em sua vida pessoal e profissional. Além de criar, trocar e trabalhar informações com os colegas, estas aperfeiçoam muito a cooperação e entendimento do espaço onde está sendo oportunizada a aprendizagem. A intervenção pedagógica requer, além do entendimento sobre o processo de conhecimento, uma abordagem e domínio do conteúdo específico para ser ensinado. (BISOL, et al 2010). Os professores devem fazer uma reavaliação de suas concepções a respeito das ferramentas que proporcionam uma condição de aprendizagem. Atualmente estão disponíveis novas tecnologias educacionais como, por exemplo, laboratórios de informática e conteúdos digitalizados que podem ser inseridos como um fator de contribuição para o processo de ensino e aprendizagem, com isso o professor pode agir como um facilitador para um resultado positivo. Para que os alunos com deficiência e outras necessidades educacionais. Não sejam prejudicados e, desse ponto de vista, tais ações são bem-vindas, pois podem contribuir efetivamente para a mudança social no sentido da construção de uma aprendizagem mais significativa (FERRARI e SEKKEL 2007). Muito se tem discutido nos últimos anos a respeito da proposta inclusiva que o Governo Federal vem

tentando implementar nos estabelecimentos do sistema regular de ensino. A constituição De 1988 prevê que todo aluno com deficiência tem direito a educação e participação ativa na sociedade como cidadãos que são. Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (BRASIL, Art. 206, inc. I). Educação especial, para os efeitos desta Lei, é uma modalidade de educação, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para os educandos com necessidades especiais (LDB, 9394/96, art. 58, 1996). Os professores, que até então encaravam alunos com algumas deficiências como uma realidade muito distante, agora são obrigados a se atualizar para recebê-los (GORGATTI, et al 2004). Os alunos aprendem até o limite em que conseguem chegar, se o ensino for de qualidade, isto é, se o professor considerar as possibilidades de desenvolvimento de cada aluno e explorar sua capacidade de aprender. Isso pode ocorrer por meio de atividades abertas, nas quais cada aluno se envolve na medida de seus interesses e necessidades, seja para construir uma idéia, resolver um problema ou realizar uma tarefa. Esse é um grande desafio a ser enfrentado pelas escolas regulares tradicionais, cujo modelo é baseado na transmissão dos conhecimentos. (BRASIL, 2004, P.35). GORGATTI et al. (2004) avaliaram as atitudes dos professores de educação física na inserção de alunos com alguma necessidade especial, em suas aulas. Para tanto, entrevistaram 10 professores da rede estadual e 10 da rede particular de ensino, que responderam um questionário, que abordou três aspectos: a) como o professor avalia seus conhecimentos para lidar com pessoas especiais; b) como o professor percebia a aceitação dessas crianças pelos colegas e c) como o professor avalia a sua escola para aderir a proposta do ensino inclusivo. Os resultados evidenciaram que 50% dos professores acreditavam que seus conhecimentos para lidar com crianças especiais eram insuficientes e que também não gostavam ou não gostariam de trabalhar com proposta de ensino inclusiva. Entretanto, a maioria (90%) dos professores acreditava nos benefícios da proposta inclusiva para todas as crianças, mas também julgaram (90%) que suas escolas não estavam preparadas para receber crianças especiais. Ferrari e Sekkel (2007) ao discutirem os desafios em relação a educação inclusiva no ensino superior identificaram três níveis de desafios a serem enfrentados: a) a tomada de posição das instituições sobre os objetivos e a elegibilidade dos seus alunos para seus cursos; b) a necessidade de formação pedagógica dos professores no ensino superior e c) uma prática educativa que propicie a participação de professores e alunos na criação de estratégias para a superação das dificuldades que surgirem. Destacaram que a presença de pessoas com alguma necessidade especial é um grande desafio, sendo necessário que a inclusão se faça a partir da experiência e do reconhecimento das diferenças, da competência do professor em identificar, acolher e trabalhar com as diferenças em suas salas de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constatou-se, que os hábitos e aspectos desses alunos, envolvido no projeto que envolvia a Ed. Física e seus aspectos de aprendizagem nesses alunos, tiveram uma aprendizagem e desenvolvimento considerável nas aulas. Aos aspectos interacionais, contou-se, através da mensuração desses aspectos, percebendo as mudanças ocorridas após o maior envolvimento nas aulas, notou-se o aumento da assiduidade, e o interesse, visto que a quantidade de registro que realizavam as Práticas e teóricas era menor, onde o aluno com autismo hoje se torna mais autônomo no seu processo educacional. como vetor inicial para desenvolvimento de habilidade e competências as atividades físicas adaptadas feitas durante as práticas das aulas de educação física Vatauvuk (1996) ressalta que o local da atividade física pode ser aberto, porém alguns cuidados são importantes, como: 1) evitar estímulos visuais ou auditivos para não distrair o aluno e, assim, ele perder interesse pela atividade; 2) utilizar recursos para que o aluno compreenda o início e o fim das atividades, de modo a executá-la com maior êxito; e, no fim de cada exercício, abrir um intervalo para que ele possa fazer algo do seu interesse. A relevância se pauta na falta de conhecimento à cerca do trabalho realizado na escola pela educação física e seus componentes e o que pode ser melhorado por essas práticas aos alunos com Autismo, mostrando assim as evoluções provocadas e percebidas nessas práticas, evitando assim que deixem de conhecer os benefícios, que as práticas corporais de movimento podem fazer para o desenvolvimento dos alunos com autistas na escola e na sua vida como um todo Sendo assim, a inclusão não deveria ser apenas discutida, mas implantada de maneira completa e sistemática para melhor atender a clientela de alunos de um modo geral. Alves (2002 *apud* Farias, Maranhão e Cunha, 2008) ressalta que uma educação inclusiva deve oferecer qualidade e não apenas quantidade, os alunos devem se inteirar dos conhecimentos do mundo e, também, das diversas maneiras criativas que hoje devem ser usadas como estratégias de ensino para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, percebe-se que a escola cresce, o aluno cresce em conhecimento corporal para uma consciência integral do ser, para novas percepções do corpo e da vida e adquirindo a compreensão para responder as mais diversas questões através das práticas da cultura corporal do movimento É papel do professor estimular toda atitude da criança em sala de aula, buscando estimular o seu desenvolvimento sempre respeitando seus limites e sua

individualidade, permitindo a autonomia de uma forma que leve em consideração as diferenças individuais e possibilite a esta criança alcançar a autonomia. É pela ação que a criança vai descobrindo suas preferências e adquirindo a consciência dos esquemas corporais, sendo, portanto, fundamental a vivências de novas experiências durante seu processo de aprendizagem. Vale destacar que embora a inclusão trabalhe para que esses alunos frequentem o ensino regular, é e importantes lutarmos por escolas que encontremos professores capacitados, materiais adequados, atividades adaptadas, suporte psicológico para melhor atender e assim promover o desenvolvimento e a interação social do aluno

REFERÊNCIAS

Tomé, Maycon Cleber (2007). *A educação física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal dos autistas*. Disponível em: https://www.toledo.pr.gov.br/sites/default/files/autista_0.pdf. Acesso em: 24 set. 2015.

Vatavuk, M. C. (1996). *Ensinando Educação Física e Indicando Exercício em uma Situação Estruturada e em um Contexto Comunicativo: foco na interação social*. Congresso Autismo – Europa, Barcelona.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Autores associados, 2004.

BRASIL. Constituição Federal. Artigo 206, 1988.

BRASIL. O Acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns da rede regular. Ministério Público Federal: Fundação Procurador Pedro Jorge de Melo e Silva (organizadores). 2. ed. rev. e atualiz. Brasília: Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2004.

FERRARI, M. A. L. D.; SEKKEL, M. C. Educação Inclusiva no Ensino Superior: Um Novo Desafio. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 27, n. 4, p. 636-647, 2007.

GORGATTI, M. G. PENTEADO, S. H. N. W; PINGE, M. D.; DE ROSE Jr, D. Atitudes dos professores de educação física do ensino regular com relação a alunos portadores de deficiência. *R. Bras. Ci. e Mov. Brasília*, v. 12, n. 2 p. 63-68, 2004.

LEI Nº 9394/96 – LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, 1996.

SILVA, R. de F. da; SEABRA JUNIOR, L.; ARAÚJO, P. F. de. *Educação Física Adaptada no Brasil: da História a Inclusão Social*. São Paulo: Phorte, 2008.

DARIDO, S. C. ; SOUZA JR, O. DE . *Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola*. 1. ed. Campinas: Papirus, 2007. v. 1. 352 p.